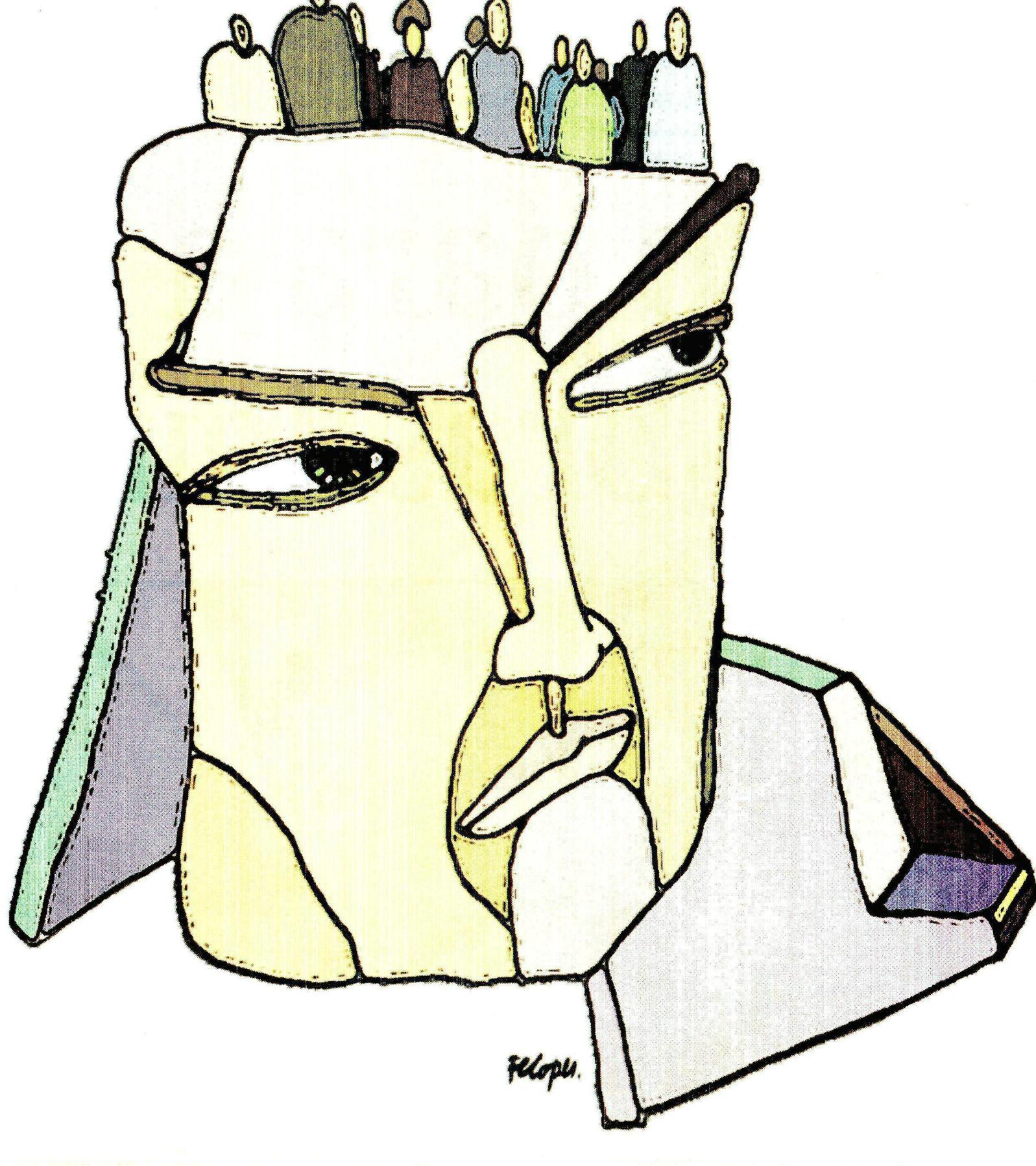


27 JAN 2001

Raimundo Iosaphat



Tubarão de duas cabeças

A imprensa noticiou o aparecimento e a pesca de um tubarão de duas cabeças nas águas do baixo sul da Bahia. Foi exibida a imagem do xifópago colhido. E se acrescentou o esclarecimento de que o espécime era raro, segundo entendidos. Daí a conveniência de encaminhá-lo a laboratório para estudo e pesquisa. De fato, cabe submeter o fenômeno a exame, como se tem feito em situação análoga com seres humanos. Não é comum a existência de animal com duas cabeças. É sempre uma anomalia, embora suscetível de correção.

Pior é a condição do indivíduo com uma cabeça e dois destinos. Aparenta normalidade e, não obstante isso, revela-se portador de graves distúrbios, sobretudo de ordem moral. Não segue linha reta, movimenta-se em dobras e volteios. Desloca-se inesperadamente da direita para a esquerda, e não se situa no centro. Em instabilidade permanente, consegue, surpreendentemente, equilibrar-se na incerteza. Há tipo dessa mobilidade em todos os setores de ação. E às vezes atravessa longo tempo gozando de reputação. Especialista do nada, passa por técnico ou profissional de habilitação múltipla, enganando toda gente.

Essa espécie de invertebrado é muito freqüente na política, em todos os povos, inclusive no Brasil. Percorre os espaços de atividade pública sem limites. Tem partido, mas não assume atitude definida. Abandona sua legenda para ocupar posto de governo em posição adversa. Se conse-



POR
IOSAPHAT
MARINHO

gue, aceita integrar administração contrária a seu partido, sem dele se afastar. É a situação cômoda de pertencer a uma agremiação e de servir a outra, com desprezo dos companheiros. Se se abre conflito entre as duas frentes políticas, guarda o silêncio da conveniência, ou declara que se esforça pela paz comum. De qualquer modo, busca sobreviver sem perda do poder.

É claro que não se confunde com essa individualidade escorregadia quem serve de ponto de união entre grupos, ou tenta evitar divergência que se esboça. Em tais casos, a pessoa presta alto serviço a seu partido, à política e à sociedade. Pode até, nessa conjuntura, ser suspeitado por quem não conheça os pormenores do quadro político, mas a realidade lhe preserva o procedimento e a compostura. É comum em alguns países que membros de um partido possam compor o governo de outro, sem aliança. Assim ocorre nos Estados Unidos, como agora. Em face de grave antagonismo, cabe ao indivíduo adotar a decisão acertada.

Dá-se, também, em qualquer país, que forças em coalizão divirjam, num dado momento, criando constrangimentos a titulares de funções públicas, assim obrigando a definir caminhos.

Em 1937, quando se tornou insuperável a luta entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha, na iminência do golpe de estado, Antunes Maciel deu um exemplo de correção. Ocupava o cargo de diretor da Carteira de Redesccontos do Banco do Brasil, e já havia sido detentor de outros postos no

governo federal. Diante do desentendimento definitivo entre os dois líderes, dirigiu carta ao presidente Vargas agradecendo-lhe a confiança e pedindo demissão. Apesar do apreço que lhe tributava, acentuou, devia acompanhar, na circunstância, o general Flores da Cunha, a cujo grupo pertencia, e que era, no caso, a parte fraca. Eis a conduta correta, sem des cortesia. Pouco depois, consumado o golpe de estado, teve atitude semelhante o mineiro Odilon Braga. Ministro da Agricultura de Vargas, deixou o ministério para não assinar a carta outorgada de 1937. O exercício do poder não o fez sacrificar a coerência.

A política, aqui e em outras partes, está precisando de figuras dessa altitude, e não de tubarões de duas cabeças. Para que se faça melhor juízo da política e dos políticos, é imperioso que os militantes de hoje ofereçam às gerações em formação exemplos de independência, comedimento e respeito à opinião pública. Quando a política, como fonte de poder, não educa, antes desorienta, a sociedade fica sem rumos certos. Não há comunidade feliz, nem com perspectiva de bem-estar, se seus dirigentes não lhe apontam e seguem rota segura. Onde os dirigentes confundem, os dirigidos perdem o norte ou buscam outro, que lhes dê firmeza. Tubarões de duas cabeças, a que equivalem pessoas de uma cabeça e de caminhos tortuosos, não orientam sociedades já desenvolvidas.

JOSAPHAT MARINHO, EX-SENADOR, É PROFESSOR EMÉRITO DA UNB E DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UPIS

PIOR É A CONDIÇÃO DO INDIVÍDUO COM UMA CABEÇA E DOIS DESTINOS. APARENTE NORMALIDADE E, NÃO OBSTANTE ISSO, REVELA-SE PORTADOR DE GRAVES DISTURBIOS, SOBRETUDO DE ORDEM MORAL.